

**César Oswaldo Ibarra
Celina A. Lértora Mendoza**
Editores

XVIII Congreso Latinoamericano de Filosofía Medieval

*Respondiendo a los Retos del Siglo XXI
desde la Filosofía Medieval*

ACTAS



**Ediciones RLFM
Buenos Aires**

Respondiendo a los retos del siglo XXI desde la Filosofía Medieval :
XVIII Congreso Latinoamericano de Filosofía Medieval : Actas /
César Oswaldo Ibarra ... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de
Buenos Aires : Celina Ana Lértora , 2021.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-987-88-0973-1

1. Filosofía Medieval. I. Ibarra, César Oswaldo.
CDD 180.9

**Todos los trabajos han sido sometidos
a evaluación interna y externa**

Imagen de tapa: Enrique de Alemania con sus discípulos - Laurentius de
Voltolina (h. 1300) *Liber ethicorum des Henricus de Alemannia*

<https://www.flickr.com/photos/levanrami/21114437820/in/photolist-bSXSHR-Ai7Y3S-yaP1Ko>

© 2021 Ediciones RLFM
Red Latinoamericana de Filosofía Medieval
Buenos Aires
E-mail: red.lafm@yahoo.com.ar

Queda hecho el depósito que marca la ley 11.723

Orósio e o curso da história

Maria Inês Bolinha
Univ.Cat. Port.. Lisboa - Portugal

P. Orósio

Cidadão dos últimos tempos do Império Romano e um dos autores da Patrística mais lidos pela posteridade. “P.” significará Presbítero; todavia, foi interpretado pelos copistas como abreviatura de “Paulo”. Paulo Orósio –assim ficou conhecido pela tradição¹. Ignoramos dados concretos sobre o início e o final da sua vida. Temos dele notícia após o seu embarque nas praias do Atlântico, deixando para trás Bracara Augusta (hoje Braga), capital da antiga Província da Galécia, situada no Noroeste da Península Ibérica². Aportou, primeiramente, no Norte de África; depois, na Terra Santa. Nestas paragens privou, respectivamente, com Santo Agostinho e com São Jerónimo. Na Carta 166, datada de 415, Agostinho, dirigindo-se a Jerónimo, refere que Orósio tinha idade para ser seu filho³. O Bispo de Hipona terá animado o Presbítero Bracarense a iniciar o projecto que resultaria na *História contra os pagãos*⁴. Escrita em sete livros, tornou-se num dos textos mais difundidos na Idade Média.

¹ Cf. Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, Pedro Calafate (ed.) *História do Pensamento Filosófico Português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, vol. I, p. 118.

² Sustentamos, com Lúcio Craveiro da Silva, que Orósio é natural de Braga (cf. *ibid.*, pp. 117-118).

³ Cf. Santo Agostinho, Carta 166, J.-P. Migne (ed.), *Patrologia Latina*, 33, Paris. Estima-se Orósio tenha nascido perto do ano 385 (cf. Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, p. 118).

⁴ Neste trabalho, servimo-nos das seguintes edições:

- Orósio, *História Apologética (O livro 7 das Histórias contra os Pagãos e outros excertos)*, edição bilingue, introdução, tradução e notas de Paulo Farmhouse Alberto e Rodrigo Furtado, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

- Paulo Orósio, *História contra os Pagãos*, introdução de Lúcio Craveiro da Silva, tradução e notas de José Cardoso, Braga, Universidade do Minho, 1986.

- Paulo Orósio, *Historiarum libri septem*, J.-P. Migne (ed.), *Patrologia Latina*, 31, Paris.

Doravante, utilizaremos em nota de rodapé a abreviatura HAP, seguida do número do livro, do capítulo e dos parágrafos.

Sobrevivem numerosos manuscritos em vários idiomas; foi também objeto de várias edições impressas⁵.

Um homem marcante em tempos marcantes

O final do século IV foi turbulento em boa parte do Império Romano. Na Galécia, porém, como frequentemente sucede nas periferias, a vida decorria com maior calma, sem consequências imediatas das convulsões. Esta província e a sua capital gozavam de prosperidade e de serenidade. Pela sua localização geográfica, Bracara Augusta beneficiava de condições singulares. Por não se encontrar junto ao Atlântico, era de difícil acesso para ataques da pirataria. Por se situar moderadamente perto do oceano, tinha condições para dele obter o necessário. Era, além disso, servida por cinco vias romanas e por cursos fluviais. A prosperidade possibilitou a fundação de escolas, onde também Orósio se terá instruído no âmbito das *artes liberales*⁶.

A atmosfera de calma dissipa-se no início do séc. V, com a chegada de Suevos, Visigodos e Vândalos à Hispânia. Os Suevos tomam a Galécia em 409; tudo muda. Em 414, Orósio parte para o Norte de África.

De Bracara Augusta para o Mare Nostrum

Por que razão Orósio deixou a Hispânia? Parece ter havido mais do que uma motivação. Na *História*, evoca em tom vivo e emotivo o seu embarque⁷. Alude aos tempos conturbados após a conquista de Bracara Augusta, em que os dias eram vividos ao sabor das vontades inconstantes, sem a pauta de um qualquer Direito. Por outra parte, é por Orósio que sabemos que não seria impossível continuar na cidade. A ausência de uma ordem normativa permitia aos conquistados subornar os conquistadores. Era possível, pois, continuar a viver em Braga; mas não do mesmo modo, não como sob a *pax romana*. A instabilidade reinante terá, sem dúvida, contribuído para Orósio abandonar o seu solo natal.

⁵ Para uma visão detalhada da difusão das *Histórias* de Orósio (manuscritos, edições e traduções), cf. Paulo Farmhouse Alberto – Rodrigo Furtado, “Introdução”, Orósio, *História Apologética*, pp. 34-42.

⁶ Cf. Lúcio Craveiro da Silva, “Bracara Augusta e as lições da história”, *Forum*, 27, 2000, pp. 3-14 (p. 4). Cf. também Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, pp. 118-119.

⁷ *HAP*, III, 20, 5-7.

Por outra parte, devido à degradação das condições de vida na Península Itálica, o Norte de África e Jerusalém afirmavam-se como novos centros de referência da cultura. Não é, pois, de estranhar que Orósio nutrisse o desejo de rumar para tais paragens, onde residiam Agostinho e Jerónimo.

A decapitação do Império

A expressão é de São Jerónimo, a respeito do ataque de Alarico a Roma. Afirmou São Jerónimo que, quando a cabeça do Império foi degolada, numa só cidade pereceu o mundo inteiro⁸. Os grandes vultos da cultura de então sentiram-se compelidos a dizer algo a respeito do que se afigurava inconcebível aos olhos de todos. Não era fácil entender as mudanças que sucediam em catadupa. A ideia de Roma humilhada era, para os seus cidadãos, como pensar o mundo ‘de pernas para o ar’. Depois de dois cercos falhados, o General Godo e a sua milícia infiltraram-se na cidade durante a noite de 24 de Agosto de 410. Seguiu-se o rebaixamento de Roma. Durante três dias e três noites os milicianos tiveram licença para fazer o que lhes aprouvesse, contando que não atacassem templos cristãos. Aproveitando a desordem reinante e apostando na futura impunidade, alguns romanos replicaram o comportamento dos invasores, pilhando e atacando os seus concidadãos. Foram três dias angustiantes e os que tiveram possibilidade refugiaram-se em paragens mais tranquilas.

Também o Bispo de Hipona se sentiu interpelado a responder à consternação causada pela tragédia vivida na cidade onde também habitara. Chegavam refugiados com relatos perturbadores. Na tentativa de lançar alguma luz sobre os sombrios acontecimentos, Agostinho escreve cinco sermões, entre 410 e 411. Destaca-se o *Sermão sobre a destruição de Roma*.

Reacção do Bispo de Hipona

A primeira resposta do Hiponense procura mostrar fundamentalmente quatro coisas. Primeira: Roma não foi destruída, mas corrigida. Houve aniquilação em Sodoma e Gomorra, mas não em Roma. Segunda: Roma é os seus habitantes, não as suas construções. As construções subsistiram na sua maioria; mas isso não é o mais importante. Os cidadãos são a verdadeira cidade. Ora, os habitantes de Roma não

⁸ São Jerónimo, *In Ezechielem*, citado in Paulo Farnhouse Alberto – Rodrigo Furtado, ob.cit., p. 18.

foram totalmente exterminados. Os que se refugiaram nas igrejas foram poupados. Agostinho reconhece, com amargura, que muitos foram mortos e não escamoteia a dor real. Contudo, apela à limitação do nosso olhar. Não nos é possível ver quantos justos foram chamados por Deus e, por isso mesmo, poupados no real sentido do termo. Deste modo, Agostinho aponta para uma leitura da História que não finda no tempo. O destino último do ser humano, enquanto pessoa singular e enquanto humanidade no seu conjunto, não se esgota no século, desagua na eternidade. Terceira: o sofrimento não suplanta o plano providencial. O sofrimento é, em si, um mal e Deus não o deseja. Permite-o por dele poder extrair um bem maior. A palma do martírio é proporcionada pela perfídia dos tiranos; esta, abjecta em si mesma, não vence o Soberano, superior a qualquer líder prepotente. Quarta: as causas da ruína de Roma devem ser procuradas em Roma, na progressiva decadência moral das bases do império, e não alhures. A humilhação da cidade não foi a represália das divindades do panteão tradicional contra o abandono do culto e a adoção do cristianismo. Afinal, cidades convertidas, como Constantinopla, não haviam sofrido a menor beliscadura. Quinta: Roma, como qualquer realidade terrena, teve um princípio e terá um fim⁹. A resposta de Agostinho não se deteve nos sermões pronunciados nos anos imediatamente subsequentes. Embrenhou-se em seguida num projecto de monta, que o ocupou de 413 a 426: a *Cidade de Deus*. Se o resultado excede em muito a intenção apologética inicial (de resto, declarada pelo autor), é a ela que se deve a sua existência. Trata-se da primeira obra de Teologia da História, fundamentalmente dirigida aos cristãos, alarmados pelos acontecimentos e acossados pelos seus concidadãos que não comungavam a mesma fé.

O convite do Bispo Hiponense ao Presbítero Bracarense

Agostinho trabalha nesta empresa quando vê chegar junto de si Orósio. A veracidade do encontro é atestada por Agostinho na já referida carta dirigida a Jerónimo, em que enfatiza a inteligência e as capacidades do Presbítero Bracarense:

“Chegou junto de mim um jovem religioso, irmão na paz católica, filho pela idade, Orósio nosso colega no presbiterado por dignidade, de engenho vivo, palavra pronta, ardente no estudo, desejando ser um vaso útil na casa do Senhor

⁹ Para esta primeira resposta de Santo Agostinho, cf. *De excidio Urbis*, especialmente II, 2-3; VI, 6-7; VII, 8 (*O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*, tradução do Latim, introdução e notas de Carlota Miranda Urbano, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010).

a fim de refutar as doutrinas falsas e perniciosas que trucidaram as almas dos Hispanos com maior crueza do que a espada dos bárbaros trucidou os corpos”¹⁰.

Por seu turno, Orósio, iniciando e finalizando a *História*, dirige-se a Agostinho, referindo o pedido que este lhe endereçara. Afirma no Prólogo: “Obedeci às tuas instruções, santíssimo bispo Agostinho, e oxalá com tão bons resultados quanta a boa vontade que tive”¹¹. Orósio deveria ocupar-se dos eventos funestos (fossem fruto de causas naturais ou da acção humana) ocorridos na História, de modo a evidenciar que os tempos que então se viviam não eram mais desafortunados do que os precedentes e, assim, tornar manifesto que constituía um erro crasso apontar o Cristianismo como responsável pela desordem reinante¹².

Encerrando o texto, reitera o propósito inicial, de conseguir que, mediante a sua exposição, os pagãos se arrependam da calúnia e aceitem o Deus único; por fim, entrega o texto ao Hiponense:

“Discorri da forma mais sucinta e simples que consegui, com o auxílio de Cristo, e de acordo com as tuas instruções, santíssimo bispo Agostinho, desde o início do mundo até ao presente dia de hoje, ou seja, por cinco mil seiscentos e dezoito anos, sobre as ambições e castigos dos homens pecadores, sobre as confrontações dos séculos e os juízos de Deus. [...]. Da qualidade dos meus opúsculos, tu decidirás, tu que os mandaste fazer. A ti serão atribuídos, se os publicares; por ti serão julgados, se os destruíres”¹³.

¹⁰ Santo Agostinho, Carta 166 (PL 33): “Ecce venit ad me religiosus iuuenis, catholica pace frater, aetate filius, honore compresbyter noster Orosius, vigil ingenio, promptus eloquio, flagrans studio, utile vas in domo Domini esse desiderans, ad refellendas falsas perniciosasque doctrinas, quae animas Hispanorum multo infelicius, quam corpora barbaricus gladius, trucidarunt”.

¹¹ HAP, I, 1, 1: “Praeceptis tuis parui, beatissime pater Augustine, atque utinam tam efficaciter quam libenter”. Orósio refere ainda que Agostinho se dedicava ao Livro XI da Cidade de Deus quando lhe dirigiu este pedido (cf. *ibid.*, I, 1, 11).

¹² Cf. *ibid.*, I, 1, 9-10.

¹³ *Ibid.*, VII, 43, 19: “Explicui adiuuante Christo secundo praeceptum tuum, beatissime pater Augustine, ab initio mundi usque in presentem diem, hoc est per anos quinque millia sescentos decem et octo, cupiditates et punitiones hominum peccatorum, conflictationes saeculi et iudicia Dei, quam breuissime et quam simplicissime potui [...]. de qualitate autem opusculorum tu uideris qui praecepisti, tibi adiudicanda si edas, per te iudicatas si deleas”.

Cidade de Deus vs. História contra os Pagãos

As duas obras constituem dois projectos diferentes, mas, até certo ponto, complementares. Ambas marcaram a posteridade e estão unidas pela mesma intenção: elucidar o sentido da História, antiga e recente. A *Cidade de Deus* apoia-se na fé; a *História contra os Pagãos* usa sobretudo a luz natural da razão. A primeira, dirige-se mormente aos cristãos; a segunda, a todos os que atribuem a ruína de Roma à adopção do Cristianismo. Ambas assentam na certeza de que a Providência Divina age na História.

A par das consonâncias, existem também dissonâncias. Com base nestas últimas, problematiza-se a dependência ou independência da obra de Orósio relativamente à de Agostinho. Paulo Farmhouse Alberto e Rodrigo Furtado admitem a possibilidade de Santo Agostinho ter solicitado este trabalho a Orósio; sublinham, todavia, a distância que separa os dois autores no que toca à inteligibilidade das leis da História. Assinalam, por outra parte, que a *Cidade de Deus* não apresenta remissões para a *História*¹⁴. Paula Oliveira e Silva nota igualmente a diferença no entendimento da noção de providência¹⁵.

Acerca destes pontos, inclinamo-nos a concordar com Lúcio Craveiro da Silva. O pedido de Agostinho está na génese da investigação de Orósio. Todavia, tal não implica que o resultado dos trabalhos do Bracarense seja exactamente aquele que o Hiponense lhe solicitara. Orósio manifestou o seu génio ao empreender e finalizar um outro projecto, de maior monta e que, apesar de animado pela mesma intenção, trilha um caminho que não é o de Santo Agostinho¹⁶.

¹⁴ Cf. Paulo Farmhouse Alberto – Rodrigo Furtado, ob.cit., pp. 26-34.

¹⁵ Cf. Paula Oliveira e Silva, “*Finis saecula*: Uma leitura do sentido da História em Orósio e Apríngio de Beja”, *Eborensia*, 43, 2009, 57-76 (p. 57).

¹⁶ Cf. Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, pp. 122, 126-127.

A História contra os pagãos

Método, âmbito e divisão

Orósio terá começado a trabalhar neste texto em 414-415; tê-lo-á terminado em 416-417¹⁷. Baseou-se, quer em fontes antigas, quer em fontes cristãs¹⁸ e recolheu ainda testemunhos directos¹⁹. Os sete livros que compõem a *História* abrangem um arco temporal que vai do primeiro homem até 417; neles se expõe a sucessão de quatro impérios: Assírio, Babilónio, Cartaginês e Romano. De entre estes, os maiores são Babilónia e Roma, sendo o primeiro a prefiguração do segundo. Ambos têm uma duração similar: catorze séculos. Os impérios Macedónio e Cartaginês são entendidos como menos relevantes do que Babilónia e Roma; a sua duração foi também menor (sete séculos)²⁰. O Livro I vai da Criação até à fundação de Roma; o Livro II, até à invasão gaulesa de Roma; o Livro III, até ao colapso do Império Macedónio; o Livro IV, até à Terceira Guerra Púnica; o Livro V, até ao final da guerra civil; o Livro VI, até ao nascimento de Jesus; o Livro VII (o mais longo), até à contemporaneidade instável e sombria.

Princípios basilares

Os sete pontos que se seguem constituem uma chamada de atenção para alguns dos aspectos mais significativos da obra, sem a pretensão de os esgotar.

a) Uma outra concepção do tempo

Escrita à luz da razão natural, mas no enquadramento judaico-cristão, a *História* apresenta o tempo não como cíclico, mas como linear, irrepitível, com um princípio e um fim. E não só um fim, também com uma finalidade. A *História* avança no tempo; há progresso. Existe inequivocamente a possibilidade de retrocesso, mas este não detém a Providência.

¹⁷ Cf. Paulo Farmhouse Alberto – Rodrigo Furtado, ob.cit., pp. 18-19.

¹⁸ Cf. ibid., pp. 24-25

¹⁹ Cf. Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, p. 127.

²⁰ A tradição dos quatro impérios é já antiga no tempo de Agostinho e de Orósio. Trata-se de uma exegese do capítulo 7 do Livro do Profeta Daniel. Em sonhos, Daniel vira quatro feras que saíam do mar. Estas eram tradicionalmente interpretados como os quatro impérios que haviam sujeitado os hebreus (babilónios, medos, persas, macedónios).

b) Teleologia

Para Orósio, o ser humano define-se pela sua orientação para o bem e, ultimamente, para Deus. No seu entender, a diversidade das religiões e mesmo a filosofia concorrem para o verdadeiro Deus²¹. Podemos dizer que é como se existisse em todos os seres humanos um conhecimento nebuloso do divino, qual luz filtrada pelas nuvens, que se dissiparão.

c) Providência

O presente estado do mundo resulta do pecado original, mas a bondade divina, que não deseja que o homem se perca imobilizado pelo pecado, vem em auxílio da sua criatura, dispensando-lhe prémios e castigos, para que, desta forma, se possa reorientar. Assim, afirma Orósio, se deve entender a razão pela qual Deus não poupou Roma do saque de Alarico.

d) O advento do Cristianismo e o lugar de Roma na História

Perpassada pelo desígnio providencial, a História converge para a Encarnação de Cristo e para a Redenção da humanidade: “A história é teofânica e providencial. E como Cristo foi a manifestação perfeita de Deus na história, toda ela terá n’Ele o seu centro e a sua explicação”²². Como articular o advento do Cristianismo com o momento de crise que então se vive? O saque de Alarico foi uma correcção. Mas será Roma perecível? Para Agostinho, como vimos, não há dúvida de que o é. Por seu turno, Orósio não é tão claro este respeito.

A seu ver, tudo o que provém da mão humana é frágil, mutável e desvanece; o ocaso de Babilónia é disso prova²³. Contudo, no plano traçado pela Providência, a Roma cristã ocupa um lugar central. Orósio vê disso evidência na medida em que Cristo consentiu incarnar como cidadão do Império, tendo-se submetido ao recenseamento²⁴. Assim, tendemos a concordar neste ponto com a apreciação de Paula

²¹ Cf. *HAP*, IV, 1, 1-5.

²² Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, p. 124.

²³ Cf. *HAP*, II, 6, 103-104.

²⁴ Cf. *HAP*, VI, 22, 5-8.

Oliveira e Silva: no pensamento de Orósio, Roma não parece estar sujeita à transitoriedade dos impérios precedentes²⁵.

e) Verdade, posição e perspectiva

Orósio tem aguda consciência de que o ponto de observação é fundamental para a análise da História. Assinala Mário Martins que, na leitura de Orósio, a igualdade antropológica entre os povos acarreta o reconhecimento de que todos têm igual direito à interpretação dos acontecimentos. Nenhum pode legitimamente reclamar como absoluta a sua narração dos factos históricos, pois a sua leitura é sempre parcial e, por isso, relativa. O relato depende da posição e da identidade de quem narra e interpreta. Uma conquista é narrada de modo diverso por conquistadores e conquistados; se os primeiros a celebram, os segundos choram e lamentam²⁶. Contemporaneamente, diríamos que a narrativa é influenciada pela etnicidade e construtora de memória. Será, então, que a verdade não existe? Se Orósio afirma a relatividade da interpretação, não se fica pelo relativismo. A verdade existe, indubitavelmente. Contudo, é apenas acessível a Deus, que está acima do tempo, numa posição absoluta (no sentido etimológico do termo); “Tudo é relativo frente ao único absoluto, Deus”²⁷.

f) Verdade, tempo e emoção

Este ponto articula-se com o precedente. O tempo e a memória são dimensões fundamentais da etnicidade. A memória vai-se formando através do tempo, constituindo-se como narrativa ancorada numa selecção de factos considerados essenciais para a partilha de uma mesma identidade. A narração histórica está, pois, ligada à emoção. Como nota Mário Martins, Orósio tem aguda consciência de que a intensidade da emoção é inversamente proporcional à distância temporal: distâncias menores suscitam emoções mais intensas; distâncias maiores, emoções menos intensas²⁸. O relato de um evento dramático sucedido há pouco desperta maior

²⁵ Cf. Paula Oliveira e Silva, ob. cit., p. 63.

²⁶ Cf. Mário Martins, *Correntes da Filosofia Religiosa em Braga (séculos V a VII)*, Porto, 1951, in Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, pp. 124-125.

²⁷ Maria de Lourdes Sirgado Ganho, “A História contra os Pagãos, de Paulo Orósio”, *Humanística e Teologia*, 33, 2, 2012, pp. 535-538 (p. 538).

²⁸ Cf. Mário Martins, ob. cit., in Lúcio Craveiro da Silva, “Cristianismo e história: Orósio”, pp. 125-126.

emoção; o relato de um evento do mesmo tipo sucedido há muito, suscita menor emoção.

g) Romanos, Hispanos e Bárbaros

Na senda dos dois pontos precedentes, compreende-se que Orósio declare aos seus contemporâneos que a convicção de que o seu presente conturbado e angustiante é pior do que as épocas precedentes resulta do facto de não terem vivido nessas mesmas épocas. Assim, embora a devastação causada pelos incêndios ateados pelas tropas de Alarico tenha sido menor do que resultante daqueles que foram provocados por Nero, é relatada com maior emotividade²⁹. O mesmo acontece na Hispânia, já que os dois anos de sofrimento às mãos das tribos germânicas são muito inferiores aos cerca de duzentos anos da conquista da Península Ibérica por Roma³⁰.

Um fim em aberto

Orósio está em África e ruma à Palestina, munido de uma carta de recomendação de Agostinho para Jerónimo. Talvez tenha começado a escrever a *História* ainda na Terra Santa. Parte em 416; em 417, aporta em Minorca. Pressupunha-se o seu regresso a África depois de sair da Palestina; contudo, não sabemos se, entre Jerusalém e Minorca, passou por África. Nas Baleares, vendo-se impedido de entrar na Hispânia, toma a decisão de se dirigir a África. Terá conseguido aportar? Nada se sabe a este respeito³¹.

Orósio: alguém que pretende decifrar o sentido do que se passou e do que se desenrola diante dos seus olhos; alguém que, diante do desconcerto e da adversidade, não cede ao desespero e procura animar os outros. Deixa-nos uma História Universal, uma Filosofia da História, e também um testemunho da esperança, pregada e vivida em tempos sombrios. Por tudo isto, parece haver certa ironia no facto de ter desaparecido no curso da História, sem que dele se encontre rasto.

²⁹ Cf. *HAP*, VII, 39, 15-16.

³⁰ Cf. *HAP*, VII, 41, 1-2.

³¹ Cf. Paulo Farmhouse Alberto – Rodrigo Furtado, ob. cit., p. 17.